

3. Evangelho: O Poder Transformador de Deus para a Salvação (Romanos 1:16-17)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 02/11/2025 21:50

1. Contexto da Carta aos Romanos e a Declaração Central de Paulo

A carta do apóstolo Paulo aos Romanos é uma das mais densas e influentes obras teológicas do cristianismo. Dentro dela, os versículos 16 e 17 do primeiro capítulo funcionam como uma poderosa declaração de tese, encapsulando não apenas o tema central da carta, mas a própria **essência da mensagem do Evangelho**. Antes de mergulhar nessas palavras, é fundamental entender o contexto em que foram escritas. Paulo, embora não fosse o fundador da igreja em Roma, nutria um profundo amor e um forte desejo de visitar os irmãos naquela que era a capital do Império.

Seus planos, detalhados nos versículos anteriores (Romanos 1:8-15), revelam um coração missionário. Ele pretendia passar por Roma a caminho da Espanha, um território onde o nome de Cristo ainda não havia sido anunciado. Paulo via a igreja romana como uma parceira estratégica em sua missão, um lugar onde ele poderia tanto abençoar quanto ser abençoado, compartilhando dons espirituais e recebendo apoio para avançar com o Evangelho. Ele se sentia "devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes", e por isso, estava pronto e ansioso para pregar em Roma. É nesse cenário de expectativa e propósito missionário que ele faz sua gloriosa declaração:

"Pois não me envergonho do Evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu e também do grego. Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé." (Romanos 1:16-17)

O impacto histórico desses dois versículos é imensurável. Séculos mais tarde, no século XVI, foi a meditação profunda sobre essa passagem que transformou a vida de Martinho Lutero e deu início à Reforma Protestante. Ao compreender que a salvação não era alcançada por méritos ou obras, mas recebida unicamente pela fé na justiça de Cristo, Lutero redescobriu o coração do Evangelho. Esses versículos se tornaram a base para as doutrinas fundamentais da Reforma, como *Sola Fide* (Somente a Fé), *Sola Gratia* (Somente a Graça) e *Solus Christus* (Somente Cristo), reafirmando que a salvação é uma obra divina do início ao fim.

2. A Audácia de Paulo: Não me Envergonho do Evangelho

A afirmação de Paulo, "não me envergonho do Evangelho", é carregada de um peso pessoal e contextual extraordinário. Para compreender sua profundidade, é preciso lembrar quem era o homem que a proferia. Antes de seu encontro transformador com Cristo no caminho de Damasco, Paulo, então conhecido como Saulo de Tarso, era um fariseu zeloso e um implacável perseguidor da igreja. Para ele, o Evangelho era motivo de escândalo e vergonha. A ideia de que um carpinteiro da Galileia, condenado e pendurado em uma cruz, pudesse ser o Messias e o Filho de Deus era uma blasfêmia para a fé judaica.

Movido por essa convicção, Saulo liderou uma cruzada para erradicar o cristianismo, obtendo autorização das autoridades em Jerusalém para prender, torturar e até consentir na morte de seguidores de Jesus, como no caso de Estêvão. O perseguidor se tornou um discípulo, o adversário se tornou um apóstolo. A fé que ele antes odiava e tentava destruir tornou-se a razão de sua existência. Assim, quando Paulo declara não se envergonhar, ele fala como alguém que conhece

intimamente o lado da vergonha e do desprezo, mas que foi alcançado por uma verdade tão poderosa que redefiniu toda a sua identidade e propósito. Ele passou a sentir-se grato e privilegiado por ter crido e por ter sido constituído um pregador da mensagem que antes repudiava.

Essa declaração ganha ainda mais força quando consideramos seu destinatário: Roma. A capital do Império Romano era o epicentro do poder, da força militar e do orgulho. A cultura romana valorizava o domínio, a honra e a grandiosidade. Nesse cenário, o Evangelho parecia uma narrativa de fraqueza e humilhação. Paulo estava se preparando para anunciar que a salvação do mundo viera não através de um imperador ou de um general vitorioso, mas de um homem simples, de uma província obscura, seguido por um grupo de pescadores, que foi traído por um dos seus, negado por outro e, por fim, executado da forma mais ignominiosa reservada aos piores criminosos e inimigos do Estado: a crucificação.

Pregar aos ouvidos arrogantes de Roma que aquele homem crucificado era, na verdade, a manifestação suprema do poder de Deus salvando a humanidade era um ato de coragem monumental. Era desafiar todos os valores e toda a lógica do Império. No entanto, Paulo estava convicto e disposto, pois entendia que, por trás da aparente fraqueza da cruz, residia o verdadeiro poder de Deus.

3. O Evangelho como Poder de Deus para a Salvação: Pressupostos e Compreensão

A razão pela qual Paulo não se envergonhava do Evangelho é o cerne de sua declaração: "porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê". Longe de ser uma filosofia de fraqueza, como os romanos poderiam interpretar, o Evangelho é a mais extraordinária e clara manifestação do poder divino. Para compreender essa verdade, é preciso aceitar o pressuposto fundamental sobre o qual ela se assenta: a condição universal da humanidade.

Ao falar em "salvação", Paulo assume que toda a humanidade está, por natureza, perdida e necessita ser salva. Essa condição não exclui ninguém. Em sua argumentação na carta, ele demonstrará que tanto os gentios (gregos e bárbaros) quanto os judeus estão debaixo da mesma condenação. Os gentios, mesmo sem terem recebido a lei escrita, rejeitaram a revelação de Deus presente na natureza e, em sua suposta sabedoria, entregaram-se à idolatria, atraindo sobre si a ira divina. É por isso que Paulo se sentia compelido a levar o Evangelho a lugares como a Espanha. Da mesma forma, os judeus, apesar de serem o povo da aliança e guardiões das Escrituras, também estavam perdidos. Eles transformaram a lei de Deus em um sistema de méritos, criando uma religião legalista e falhando em reconhecer sua própria incapacidade de cumpri-la perfeitamente.

Essa realidade é resumida na conhecida declaração do capítulo 3:

"porque todos pecaram e carecem da glória de Deus".

A mancha do pecado e a conseqüente condenação se estendem a toda a raça humana, sem distinção de nacionalidade, gênero, idade ou status social. Desde as crianças aos idosos, todos nascem em uma condição de afastamento de um Deus que é perfeitamente justo e santo.

É neste ponto que o cristianismo se distingue radicalmente de todas as outras religiões e filosofias. Enquanto a maioria dos sistemas de crença e o pensamento moderno insistem que o ser humano é intrinsecamente bom e que a solução para seus problemas está dentro de si — o popular conselho "ouça o seu coração" —, o cristianismo começa com uma má notícia. A tendência humana é transferir a culpa, responsabilizando a sociedade, a cultura ou a criação pelos erros individuais. Essa é uma religião que agrada o coração, pois isenta o indivíduo de sua responsabilidade. O Evangelho, no entanto, confronta diretamente essa ilusão. Ele afirma que você é pecador, que violou a lei de um Deus santo e que, por justiça, está debaixo de Sua ira e merece a condenação eterna.

É a partir dessa dura verdade que a boa notícia — o Evangelho — revela seu poder. Deus, em seu infinito amor por essa humanidade perdida, providenciou a solução. Ele enviou Seu próprio Filho, Jesus Cristo, que se fez homem e viveu entre nós. Na cruz do Calvário, Jesus, como nosso representante, absorveu a ira de Deus e suportou o castigo que nós merecíamos. Aquele momento, que para o mundo parecia o ápice da fraqueza — um homem crucificado, sentindo-se desamparado por Deus —, era, na verdade, a suprema demonstração do poder divino, onde a justiça era satisfeita e a salvação era conquistada. A salvação, portanto, não é um esforço humano, mas um ato poderoso de Deus comunicado através do anúncio dessa verdade.

4. A Salvação Completa Oferecida pelo Evangelho

Quando o apóstolo Paulo utiliza o termo "salvação", ele se refere a um conceito muito mais abrangente e profundo do que apenas o perdão dos pecados ou a garantia de escapar da condenação do inferno. No contexto da teologia paulina, o Evangelho nos salva de forma completa, atuando sobre a totalidade do problema do pecado em três dimensões distintas: sua culpa, seu poder e, finalmente, sua presença.

Primeiramente, o Evangelho nos **salva da culpa do pecado**. Ao crermos em Cristo, somos justificados diante de Deus. A morte de Jesus na cruz satisfaz a justiça divina, e a culpa de nossas transgressões é removida, resultando em paz com Deus.

Em segundo lugar, o Evangelho nos **salva do poder do pecado** nesta vida. A salvação não é apenas um evento passado, mas um processo contínuo. Pelo mesmo poder que nos justificou, somos progressivamente libertos do domínio de hábitos pecaminosos, das tensões internas e dos desejos ímpios. Aprendemos a subjugar nossa natureza caída, a amar o próximo, a perdoar e a viver de uma maneira que agrada a Deus.

Finalmente, o Evangelho nos **salva da presença do pecado**. Essa é a nossa esperança futura. Um dia, Cristo retornará, os mortos ressuscitarão e, na consumação de todas as coisas, o pecado será definitivamente extinto da história e da nossa experiência. Viveremos em um estado de perfeita redenção e santidade.

Portanto, a salvação que o Evangelho oferece é integral, abordando nosso passado, presente e futuro. É a única e exclusiva maneira pela qual Deus resgata pecadores, oferecendo uma solução total para um problema que nos afeta em todas as esferas da existência.

5. O Evangelho como Manifestação do Poder Divino: Além do Formalismo Religioso

A concepção do Evangelho como "poder" deve ser corretamente compreendida. Atualmente, muitos círculos evangélicos buscam uma "religião de poder" focada em conquistas terrenas: poder para vencer na vida, para adquirir bens materiais, para alcançar sucesso profissional ou para derrubar "gigantes" pessoais. Embora a fé possa ter implicações na vida prática, o Evangelho de Paulo aponta para uma demonstração de poder infinitamente superior. A maior manifestação do poder de Deus não está em conceder um carro novo ou um bom emprego, mas no milagre da salvação.

Como o pregador ressalta, a ressurreição de mortos "é fichinha" perto do ato de Deus pegar um pecador culpado e, por meio de Cristo, perdoar suas iniquidades, adotá-lo como filho e torná-lo herdeiro de um novo céu e uma nova terra. Esse é o verdadeiro poder em exibição, uma força transformadora que opera na alma humana.

Isso nos leva a uma conclusão crucial: o cristianismo não é uma religião formal. Não se resume a cumprir uma lista de ritos e deveres, como frequentar a igreja aos domingos, ser membro oficial de uma congregação, entregar dízimos e ofertas ou participar de atividades e ministérios. Todas essas são práticas importantes na vida cristã, mas são insuficientes em si mesmas. O cristianismo, em sua essência, é uma experiência vital e libertadora com o poder de Deus. É uma fé "experimental", no

sentido de que envolve uma experiência real e transformadora que muda a vida de dentro para fora.

Muitos se enganam ao pensar que são cristãos simplesmente por terem nascido e crescido em um ambiente de igreja. O próprio pregador compartilha sua experiência pessoal: cresceu em um lar evangélico, cantou no coral, participou ativamente da mocidade e até namorou a filha do pastor, cumprindo todos os requisitos externos. No entanto, durante anos, ele assistia aos sermões sem interesse e sem compreensão, até que aos 22 anos, o poder do Evangelho o alcançou e transformou genuinamente sua vida.

É importante notar que a manifestação desse poder não segue um roteiro único. Nem todos terão uma experiência dramática e súbita como a de Paulo no caminho de Damasco. Para alguns, é um processo gradual que se desenvolve ao longo do tempo. Para outros, é um "clique" repentino de entendimento. Há ainda aqueles, como o Reverendo Francisco Leonardo, sogro do pregador, que não conseguem apontar um momento específico de conversão, pois, até onde se lembram, sempre creram em Cristo desde a infância. O formato da experiência é secundário; o essencial é que o poder transformador do Evangelho tenha de fato alcançado e operado na vida da pessoa.

Portanto, a advertência é clara: não se iluda com a mera formalidade religiosa. Ser membro de uma igreja não é o mesmo que ser salvo. O convite do Evangelho é para que cada um examine a si mesmo e busque experimentar esse poder real que salva da culpa, do domínio e, um dia, da própria presença do pecado.

6. A Fé como Meio da Salvação: De Fé em Fé

O poder de Deus para a salvação, contido no Evangelho, não é uma força que atua de maneira automática ou universal sobre toda a humanidade. Paulo especifica o canal pelo qual esse poder é recebido: ele é "para a salvação de todo aquele que crê". A salvação não é concedida com base em mérito, raça, condição social, nível de educação, moralidade pessoal, boas obras ou atos de caridade. O acesso a esse poder transformador é exclusivamente mediante a fé. Como Paulo enfatiza no verso 17, o processo é "de fé em fé", indicando que a fé é o princípio fundamental do começo ao fim.

É justamente por ser pela fé que a salvação pode ser estendida a todos. Se dependesse de qualquer critério humano, muitos seriam excluídos. Mas, por ser um dom recebido pela fé, ela está disponível a "judeus e gregos, grandes e pequenos, crianças e velhos". A menção "primeiro do judeu" não indica um favoritismo na salvação, mas uma primazia histórica: foi ao povo de Israel que o Evangelho foi inicialmente anunciado na antiga aliança, através de símbolos, tipos e profecias, antes de ser proclamado a todas as nações.

Contudo, é crucial definir o que significa "crer" neste contexto. Não se trata de um mero assentimento intelectual, de simplesmente concordar que as afirmações sobre Jesus são verdadeiras. Como o pregador aponta, "o diabo também acredita nisso", pois ele sabe que Jesus é o Filho de Deus, mas essa crença não o salva. A fé salvadora exige mais do que isso.

A verdadeira fé é um ato de apropriação, rendição e confiança total. **É reconhecer-se como um pecador perdido, sem qualquer mérito próprio, e aceitar que a única esperança de salvação reside no sacrifício de Jesus na cruz.** É abraçar o Evangelho com a mente (entendendo e concordando com sua verdade) e com o coração (envolvendo-se e rendendo-se a Cristo). É depositar a confiança completa na obra consumada de Jesus, abandonando toda a autoconfiança. É dizer a Deus:

"Se não tiveres misericórdia de mim através do teu Filho, estou condenado, mas eu creio e me entrego a Ti, disposto a viver pela Tua graça".

É por meio dessa fé genuína e integral que o poder de Deus para salvação nos é concedido.

7. A Revelação da Justiça de Deus no Evangelho: Justo e Justificador

O apóstolo Paulo conclui sua tese explicando *como* o Evangelho funciona como poder de Deus: "Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho". Esta é a chave para entender todo o plano de salvação. A "justiça de Deus" aqui se refere, primeiramente, ao seu atributo intrínseco: Deus é perfeitamente justo, o que significa que Ele deve, por natureza, condenar o culpado e absolver o inocente.

Isso apresenta um dilema divino aparentemente insolúvel. Se toda a humanidade, sem exceção, pecou e é culpada, como pode um Deus justo salvar alguém? Seria como um juiz terreno que, diante de um réu confesso e comprovadamente culpado, simplesmente o declarasse livre. Tal ato seria uma afronta à justiça e causaria indignação. Da mesma forma, como pode Deus, o Juiz perfeito, simplesmente perdoar pecadores sem violar sua própria santidade e justiça? Ele não teria que, por obrigação, condenar a todos?

A resposta gloriosa a essa questão é revelada exclusivamente no Evangelho. Deus, em sua infinita sabedoria, elaborou um plano para ser, ao mesmo tempo, "justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus" (Romanos 3:26). Esse plano se concretizou na cruz do Calvário. Ali, Deus demonstrou sua perfeita justiça ao derramar sobre Seu Filho, nosso representante, o castigo completo que o nosso pecado merecia. Deus não ignorou o pecado; Ele o julgou e o puniu da forma mais severa possível em Cristo.

Ao mesmo tempo, Deus realiza uma transação divina conhecida como imputação. Ocorre uma "grande troca": Deus toma a nossa culpa e os nossos pecados e os atribui a Cristo na cruz. Em contrapartida, Ele toma a justiça perfeita e a vida sem pecado de Cristo e a credita na conta do pecador que crê. Em resumo: Cristo leva a minha culpa, e eu recebo a sua justiça.

Dessa forma, o dilema é resolvido. Deus permanece perfeitamente justo, pois o pecado foi castigado. E Ele pode justificar pecadores, pois, ao olhá-los, não vê mais a sua culpa, mas a justiça impecável de Seu Filho. É por isso que Paulo pode declarar triunfalmente mais adiante, em Romanos 8:1:

"Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus".

A condenação foi totalmente absorvida por Cristo em nosso lugar. Para provar que essa não era uma doutrina nova, Paulo conclui citando o profeta Habacuque (2:4): "como está escrito: O justo viverá por fé". Ou seja, aquele que é tornado justo pela fé é quem viverá eternamente, salvo da morte e da condenação.

Conclusão Reflexiva

A declaração do apóstolo Paulo em Romanos 1:16-17 transcende o tempo, ecoando como o coração pulsante da fé cristã. Não se trata apenas de uma afirmação teológica, mas do testemunho de um poder real e transformador. O Evangelho é a boa notícia de que Deus, em sua perfeita justiça e insondável amor, não deixou a humanidade entregue à sua condenação. Na cruz de Cristo, Ele executou um plano divino onde a justiça e a misericórdia se encontraram, permitindo que Ele fosse, simultaneamente, o Juiz justo que pune o pecado e o Pai amoroso que justifica o pecador que crê.

Esta mensagem é, de fato, o poder de Deus. Um poder que não se mede em conquistas terrenas, mas na capacidade de resgatar uma alma da culpa, libertá-la progressivamente do domínio do

pecado e garantir-lhe um futuro eterno na presença de Deus. É um poder que transforma perseguidores em apóstolos, que inspira coragem em meio à hostilidade e que oferece uma esperança inabalável diante do medo da morte.

Diante de um Evangelho tão completo e poderoso, a pergunta final não é se ele tem força para salvar, mas se nós permitiremos que essa força nos transforme por completo. Que possamos ir além do conhecimento teórico e da religiosidade formal para experimentar, em nosso dia a dia, a libertação e a vitalidade que ele oferece. E que, assim como Paulo, cheios de gratidão por tão grande salvação, jamais nos envergonhemos de proclamar que o Evangelho de Cristo crucificado é, e sempre será, o poder de Deus para todo aquele que crê.

Augustus Nicodemus. **03. Evangelho: Poder de Deus para Salvar (Rm 1.16-17)** . Disponível em: <https://youtu.be/V1Oz6-ZfLY4?si=0Yij6C4pUOPjdnb9>. Acesso em: 21/09/2025.

Documento gerado em 20/05/2026 10:49:51 via BeHOLD

BEHOLD